

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

CARLA SILVEIRA DURO

**Potencialidades na utilização de vídeos produzidos com smartphone
no processo de alfabetização**

**Porto Alegre
2018**

CARLA SILVEIRA DURO

**POTENCILIDADES NA UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PRODUZIDOS
COM SMARTPHONE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientadora:
Prof^ª Me. Liége Barbosa**

**Porto Alegre
2018**

CIP - Catalogação na Publicação

DURO, CARLA SILVEIRA
Potencialidades na utilização de vídeos
produzidos com smartphone no processo de alfabetização
/ CARLA SILVEIRA DURO. -- 2018.
43 f.
Orientador: LIÉGE BARBOSA.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de
Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da
Educação, CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA
EDUCAÇÃO, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Educação. 2. Vídeos. 3. Smartphone. 4.
Alfabetização. 5. Letramento. I. BARBOSA, LIÉGE,
orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Krug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à professora e tutora Liége Barbosa que me acompanhou durante todo o curso me apoiando, me incentivando e me fortalecendo nos momentos difíceis e árduos que exigiam muito além do que eu poderia dar. A persistência da professora em fazer acreditar que seria possível eu apresentar e compartilhar um trabalho empírico e único, até então, na minha prática pedagógica, me proporcionou buscar novas concepções teóricas acerca das mídias atreladas à educação e, especificamente, ao primeiro ano do ensino fundamental tendo como cerne a alfabetização e o letramento.

Sem segundo lugar, agradeço às famílias dos alunos e aos meus alunos do primeiro ano que acreditaram na proposta deste trabalho e embarcaram junto nessa “viagem” midiática na qual os protagonistas (famílias e alunos) direcionaram meu percurso.

Por fim, agradeço a mim pelo desejo em construir, desconstruir, transformar, direcionar, e redirecionar este trabalho tão novo, enriquecedor e único mudando minha visão sobre o sujeito e sobre as mídias na educação.

RESUMO

A pesquisa analisa a utilização de vídeos produzidos com *smartphone* no processo de alfabetização com uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Porto Alegre-RS. Para tal, discute-se o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais; a integração das tecnologias na alfabetização e o uso de vídeos produzidos no celular como recurso pedagógico. O percurso metodológico, de cunho qualitativo, envolve a gravação de determinadas atividades desenvolvidas pelos alunos na área de linguagem e raciocínio lógico e a posterior exibição dos vídeos para a turma pesquisada. Através da prática, evidencia-se que a gravação de vídeos no *smartphone* é uma maneira simples e viável de incorporar um recurso midiático na estratégia pedagógica de alfabetização. Houve efeitos positivos na evolução da aprendizagem dos alunos em relação ao processo de alfabetização e do letramento.

Palavras-chave: Educação. Vídeos. Smartphone. Alfabetização e letramento.

ABSTRACT

The research analyzes the use of videos produced with smartphone in the process of literacy with a first year class of elementary school of a municipal school in Porto Alegre-RS. For this, the process of literacy in the initial years is discussed; the integration of technologies in literacy and the use of videos produced in the cell phone as a pedagogical resource. The qualitative methodological course involves the recording of certain activities developed by the students in the area of language and logical reasoning and the subsequent display of the videos for the class searched. Through the practice, it is evident that the recording of videos in the smartphone is a simple and viable way to incorporate a media resource in the pedagogical strategy of literacy. There were positive effects in the evolution of the students' learning in relation to the process of literacy.

Keywords: Education. Videos. Smartphone Literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alunos em atividade sobre as Vogais.....	41
Figura 2 - Alunos em atividade sobre a construção do Nome.....	41
Figura 3- Alunos em atividade sobre a construção de novas palavras com Vogais.....	42
Figura 4 - Atividade sobre Folclore.....	42
Figura 5- Atividade de Hora do Conto sobre os personagens do Folclore.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	13
3 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	16
3.1 O processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais.....	16
3.2 Sobre a integração das tecnologias na alfabetização.....	18
3.3 O uso de vídeos produzidos no celular como recurso pedagógico.....	20
4 PERCURSO METODOLÓGICO	23
4.1 Sobre a escola e os sujeitos da pesquisa.....	24
5 OS VÍDEOS: RELATOS E ANÁLISES	27
5.1 Vídeos de Linguagem.....	27
5.1.1 <i>Vídeo 1: Apresentação das vogais.....</i>	27
5.1.2 <i>Vídeo 2: Hora do conto: Coelho mal.....</i>	28
5.1.3 <i>Vídeo 3: Apresentação de personagens do folclore brasileiro.....</i>	30
5.2 Vídeos de Raciocínio Lógico.....	31
5.2.1 <i>Vídeo 4: Contagem dos números com material concreto.....</i>	31
5.2.2 <i>Vídeo 5: Contagem com cartelas feitas pelos alunos com tampinhas de garrafas pet....</i>	33
5.2.3 <i>Vídeo 6: Montagem do jogo da memória com personagens de lendas folclóricas.....</i>	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE.....	40
ANEXOS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa pretende investigar as potencialidades da utilização de vídeos gravados em *smartphone*¹ como instrumento pedagógico na alfabetização de alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental. O trabalho se desenvolve em uma escola municipal do bairro Restinga, em Porto Alegre- RS e apresenta, como parte da discussão, a abordagem do uso do audiovisual como estratégia pedagógica na sala de aula. Almeida (2000) pontua que não só imagens contribuem para assimilar as complexas relações produzidas na sociedade, mas pode-se afirmar que o audiovisual em sua forma tecnológica e informatizada é o meio mais poderoso de difusão e assimilação da realidade social.

Nesse sentido, enquanto professora alfabetizadora de uma escola da Rede Municipal de Porto Alegre- RS percebo as dificuldades e os avanços cognitivos expressos na utilização de recursos midiáticos no cotidiano da sala de aula. Antes do curso de Especialização em Mídias na Educação eu tinha uma visão restrita, na qual os recursos tecnológicos se resumiriam ao uso do laboratório de informática com jogos de computador, e com alunos passivos diante de tarefas repetitivas e alusivas ao seu conhecimento.

Conforme fui cursando as disciplinas, comecei a me perceber em processo de transformação como agente de mudança no que tange ao uso das mídias no cotidiano escolar. Para isso, comecei a utilizar o meu *smartphone* como ferramenta efetiva nas atividades desenvolvidas com os alunos para registrar os seus avanços no processo de alfabetização e letramento – o uso do telefone celular se tornou algo semelhante a um diário de classe. É nessa direção que pretendo desenvolver a monografia, a partir da minha experiência com a produção de vídeos através do celular.

Schneider (2013) afirma que as Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) vêm ganhando cada vez mais espaço nas salas de aula. Compreender as diferentes formas de representação disponíveis na escola, bem como criar dinâmicas que permitam estabelecer o diálogo com a linguagem das mídias, são desafios para a educação atual. A escola não pode ser passiva diante das mudanças sociais e comunicacionais de seus alunos, mas deve buscar incentivar atividades que promovam o desenvolvimento de novas competências como a criatividade, a colaboração e a autonomia cognitiva.

¹O *smartphone* é um celular com tecnologias avançadas, o que inclui programas executados um sistema operacional, equivalente aos computadores. Disponível em: <https://www.significados.com.br/smartphone/>

Considerando minha experiência como alfabetizadora, procurei buscar algo inovador que desse significado na aprendizagem dos alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental. Ao produzir registros das aulas em vídeo, através do uso do celular, observei que os alunos assistiam a eles próprios como protagonistas do seu aprender e de seus avanços cognitivos na alfabetização. Tal descoberta motivou-me a produzir mais vídeos espontâneos, nos quais os alunos aparecem realizando, por exemplo, atividades sobre consoantes, vogais e sílabas e, de forma natural e até divertida, se avaliam ao se reverem nos vídeos buscando novas formas de aprender. A escola, local em que se dá a formalização da alfabetização das crianças, está imersa na cultura, faz parte da comunidade, tem representação política e está em contínua interação com o contexto. Sendo assim, não pode abrir mão de novas técnicas de ensinar e aprender.

Ao refletir sobre a importância de integrar as novas mídias no ambiente escolar, Tornagi (2010, p.14) ressalta: “as tecnologias digitais condicionam nosso fazer. Condicionam, criam condições para que a produção intelectual se dê por caminhos e formas que não eram possíveis sem ela.” Desta forma, planejamentos que prevejam atividades associadas aos novos meios de informação e comunicação tornam-se propulsores do conhecimento, uma vez que ampliam os horizontes da escola, trazendo o mundo para a sala de aula e promovendo o compartilhamento das mais diversas linguagem e maneiras de pensar.

Desta maneira, Moran (2008) também contribui afirmando que a televisão, o cinema e o vídeo desempenham indiretamente um papel relevante na educação dos alunos, pois transmitem de forma contínua informações interpretadas, mostrando modelos de comportamento, ensinando linguagens coloquiais e multimídias, privilegiando alguns valores em detrimento de outros. Assim, a inserção do audiovisual em sala de aula pode servir também como suporte para o incentivo de práticas insubstituíveis, como a leitura e a escrita.

Qualquer material audiovisual pode ser considerado um texto. E ao contrário do que comumente se acredita as mesmas ou mais habilidades são exigidas para a leitura de um material audiovisual tais como seleção e hierarquização da informação, clarificação e simplificação das ideias, reconhecimento e coerência e controle e direcionamento da atividade mental. (OLIVEIRA, 2016, apud GARCEZ 2001, p.12).

Segundo Moran (2007), os diversos tipos de mídias que utilizam imagens contribuem na aprendizagem, pois tem como vantagem a possibilidade de mostrar várias informações ao mesmo tempo, o que possibilita também que se produzam determinados valores em detrimento de outros. Nos dias atuais, segundo o autor, tornou-se necessária a criação de

espaços para a identificação e o diálogo entre as várias formas de linguagem, permitindo que as pessoas se expressem de diferentes maneiras. A linguagem por si só já se constitui enquanto um instrumento de interação entre o pensamento humano e o meio. Essa comunicação pode ocorrer de forma direta ou pode ser mediada por outros instrumentos e artefatos – como, por exemplo, as tecnologias.

Desta maneira, esta pesquisa propõe analisar a minha prática enquanto alfabetizadora a partir da investigação das potencialidades do uso de vídeos gravados em celular como estratégia pedagógica na alfabetização de alunos. O critério fundamental para a seleção do público-alvo da pesquisa foi selecionar os alunos do 1º Ciclo dos Anos Iniciais, etapa em que se concretiza o processo de ensino aprendizagem alfabetizador. Também é importante ressaltar que a pesquisa é de cunho essencialmente qualitativo e que utiliza como instrumento de coleta de dados, os vídeos produzidos por mim enquanto professora alfabetizadora da turma.

2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

A ideia de pesquisar sobre o tema surge no momento em que, como alfabetizadora, começo a me indagar sobre como vem acontecendo no ambiente escolar, o uso das Novas Tecnologias, e que espaços este tema tão atual e necessário está ocupando. Atualmente percebemos o quanto é fundamental, mas ainda com dificuldades de acesso, o uso das mídias no trabalho diário com os alunos. Apesar de sabermos que os recursos tecnológicos ampliam as possibilidades de construir aprendizagens múltiplas, a realidade na qual nos encontramos é escassa no que diz respeito aos recursos e materiais direcionados a aperfeiçoar a tecnologia nos espaços escolares. São inúmeros os fatores desta escassez, mas o mais gritante é a desvalorização da educação pública como um todo há décadas o que faz esses recursos não chegarem às mãos do professor. Vivemos uma crise política que estilhaçou o país na área da saúde, segurança e educação que fez com que os alunos oriundos das periferias não obtivessem chance de acessar uma educação de qualidade.

Diversos casos mostrados pelas mídias jornalísticas de desvios de verbas, de merendas escolares, de corrupção, de lavagem de dinheiros, demonstram como decaiu o nível de ensino da população e a desvalorização total do professor. Observamos que o sucateamento da escola pública com intuito de se extinguida ocorre a passos largos e sentida por todos nós que estamos no dia a dia com o aluno.

Na grande maioria dos casos, o que vemos nas escolas da rede pública de Porto Alegre, são iniciativas isoladas dos professores em tentar propiciar espaços midiáticos para seus alunos com estratégias pedagógicas que qualifiquem suas aprendizagens. A informação e o conhecimento não se encontram somente no interior da sala de aula. Por outro lado, muitas são as ferramentas midiáticas hoje, no mundo globalizado, que estão disponíveis aos professores para ampliarem, assim como, qualificarem o ensino.

A integração das tecnologias como TV, vídeos, computadores e internet no processo educacional, pode promover mudanças bastante significativas na organização e no cotidiano da escola e na maneira como o ensino e a aprendizagem se processam, se considerarmos os diversos recursos que estas tecnologias nos oferecem (...). (PRATA, 2002, p.77).

A sociedade está em constante transformação, isto é fato. Um conjunto de situações, incluindo a revolução das tecnologias da informação (TIC), parece ter produzido uma “nova sociedade”, em constante processo de transformação. Nas últimas décadas, avanços científicos e tecnológicos revolucionaram espaços e cotidianos, e os educadores não podem

fechar os olhos para estes acontecimentos. Ocorreram mudanças nas organizações sociais, impulsionadas pelo avanço das pesquisas, pelas descobertas científicas e pelo desenvolvimento dos mais sofisticados meios tecnológicos de informação e comunicação, e, por outro lado, pelas complexas inter-relações do mercado internacional, cada vez mais globalizado.

Renó, Versuti e Renó (2012) afirmam que discutir a expansão dos recursos digitais dentro da escola e no dia a dia do professor, exige uma mudança de postura dos profissionais da educação. Os autores questionam se as salas de aula estão preparadas com infraestrutura e conexão, para que tais práticas sejam efetivamente realizadas e, principalmente, se o docente é conhecedor e também usuário dos ambientes digitais e redes sociais, a fim de que possa fazer deles um recurso pedagógico. Com a flexibilização da aprendizagem, Ellington (apud Santos, 2006) refere que há alternativas de uso de outros meios que não foram pensados como recursos digitais, mas que visam a oferecer uma educação para todos a partir de técnicas e metodologias inovadoras em ensino e aprendizagem, oferecendo aos alunos maior participação e autonomia no processo.

Almeida (2000) postula que a escola é um espaço que deve privilegiar o debate e a reflexão crítica da realidade incentivando os alunos a pensarem sobre ações que interferem no meio social transformando a vida de todos os cidadãos. Sendo assim, nota-se que as diversas mídias existentes na sociedade contemporânea e pós-moderna produzem materiais informativos que influencia todas as formas de relações, sejam elas individuais ou coletivas. As mídias possuem um poder transformador e ao mesmo tempo alienador que altera a vida de muitas pessoas. Este autor afirma que há uma ideologia visual sendo imposta em diversas produções. Várias visões históricas sempre refazendo, produtos populares expondo uma verdade única em um tempo político dominante com diversos poderes que constrói e reconstroem mitos e histórias.

Segundo Nogueira e Nogueira (2007), para ocorrer transformação pedagógica é preciso que a comunicação seja decifrada e dominada, pois assim todos os alunos envolvidos no processo de ensino consigam aproveitar o que está sendo produzido no ambiente escolar. Logo, vemos como a educação brasileira é vista e sentida sendo estanque e ultrapassada e não havendo movimentos de transformação dessa realidade. Almeida (2005) refere que essas imagens fabricadas pelas lembranças formam uma história que faz sentido ao expectador, representando o momento social e político ao qual estamos vivendo e, ao mesmo, tempo se transformando numa educação da memória. Memória esta que reflete um professor despreparado frente aos recursos midiáticos podendo ser modificado este perfil para um

professor mediador que oriente e estimule a participação dos alunos dentro no universo midiático atual.

Segundo Belloni (2005) quando o professor insere recursos inovadores na prática pedagógica, deve ter a intenção de ser provocador mediante debates e reflexões que ajudem na construção do pensamento crítico e a ação transformadora dos alunos. Acredita-se que a presente pesquisa possa apresentar questões e ideias que contribuem para pensar em estratégias pedagógicas focalizadas no processo ensino e aprendizagem do primeiro ano de alfabetização. Nesse sentido, a presente monografia possui os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Identificar as potencialidades da produção de vídeos em *smartphone* como estratégia pedagógica de alfabetização.

Objetivos específicos:

- Investigar as possibilidades do uso do aparelho celular como um recurso midiático produtivo para ser utilizado nas atividades diárias com a turma;

- Exemplificar como os vídeos no celular, em momentos de aprendizagem dos alunos, podem potencializar o desenvolvimento cognitivo dos mesmos;

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais

Cagliari (1999) aponta que alfabetizar é ensinar a ler e a escrever, o ponto principal do trabalho é ensinar o aluno a decifrar a escrita e, em seguida, a aplicar esse conhecimento para produzir sua própria escrita. Já Soares (2010) pontua que alfabetizar implica a criança aprender a codificar e decodificar, pois se trabalha com um sistema inventado, diferente da língua oral: o ser humano já nasce programado para falar. A escrita é uma convenção.

Para a autora, “alfabetizar + ação= alfabetização” é um processo amplo e complexo, pois abrange e inclui aspectos linguísticos, psicolinguísticos, sociolinguísticos entre outros. É um fenômeno de muitas facetas. Além de um código a ser aprendido, existe quem aprende e seu contexto de vida, seus modos de falar, de viver, de construir o seu mundo. Na perspectiva dessa autora,

a formação do alfabetizador tem uma grande especificidade e exige uma preparação que o leve a compreender todas as facetas (psicológicas, psicolinguística, sociolinguística e linguística) e todos os condicionantes (sociais, culturais, políticos) do processo de alfabetização que o leve, a saber, operacionalizar essas diversas facetas (sem desprezar seus condicionantes) em métodos e procedimentos de preparação para a alfabetização, em elaboração e uso adequados de materiais didáticos, e, sobretudo, que o leve a assumir uma postura política diante das implicações ideológicas do significado e do papel atribuído à alfabetização. (SOARES, 2010, p.34)

Na minha prática diária, percebo quanto o alfabetizar inicia com a história da criança ainda antes da sua chegada ao 1º ano do Ensino Fundamental. Ao iniciar o trabalho com letras, por exemplo, não posso somente apresentar os símbolos e esperar que os alunos automaticamente os compreendam. É necessário entender a realidade de cada criança e sua bagagem histórica. A vivência, que seria o letramento, é o cerne da alfabetização do sujeito.

Sobre a questão do letramento, autores como Leite e Colello (2010) referem que o letramento é o envolvimento com as práticas sociais que incluem a leitura e a escrita, sendo que a alfabetização está voltada à aquisição da escrita, ao conhecimento de aspectos pertinentes ao nosso sistema de escrita. Sendo assim, o letramento refere-se ao que fazemos com o sistema da escrita, e aos modos como ela opera e contribui no nosso cotidiano. Nesse sentido, o letramento não seria um método de alfabetizar. Conforme Kleiman (2010), não existe método de letramento como um conjunto de estratégias didáticas para o ensino inicial da leitura e da escrita. Há muitos métodos para alfabetizar que fazem parte de um conjunto de práticas escolares de letramento que podem envolver diferentes estratégias (reconhecimento

global das palavras, reconhecimento de sílabas, leitura em voz alta, leitura silenciosa, etc), com diversos gêneros (cartilhas, exercícios, imagens, notícias, relatos, contos, etc) e com o uso de diferentes tecnologias (lápiz, canetas, papel, quadro negro, giz e etc). Embora distintos, alfabetização e letramento são aliados.

Quando estou em sala de aula com os alunos do 1º ano, percebo o quanto é importante eles se nomearem, se reconhecerem e construírem suas identidades enquanto sujeitos de suas vidas. De maneira geral, percebo que as crianças oriundas de escolas infantis já trazem consigo certas habilidades na compreensão de letras, consoantes, vogais e até mesmo sílabas. Já as crianças que não vivenciaram o mundo da educação infantil trazem experiências de suas famílias, suas casas, suas brincadeiras do dia-a-dia, além de suas expectativas com algo novo e misterioso que é o ingresso na escola regular de ensino.

Mollica (2007) afirma que a escrita tem múltiplas funções, desde as mais rotineiras até as que permitem acesso às esferas de poder. Já o letramento, em seu entendimento, estaria atrelado à práticas sociais em que se constroem identidade e poder, explorando-se os limites da escrita. Kleiman (2005), por sua vez, coloca que as práticas de letramento fora da escola são essencialmente colaborativas, em contraste com o caráter individual do processo de aquisição da língua escrita em ambiente escolar, próprio da alfabetização.

Conforme a autora Kleimann (2005) observo, na minha realidade com a turma de 1º ano, que a ligação e comunicação com as famílias são fundamentais para que se desenvolva o letramento e, por conseguinte, a alfabetização. A forma como a família vê e conduz a criança contribui para a construção da sua identidade, e interfere também nas maneiras como este 1º ano é introduzido na vida dela e nas mudanças que virão ao longo desse processo.

Na minha vivência como alfabetizadora percebo que a sala de aula não é o único e exclusivo espaço no qual se dá a alfabetização. O letramento, que é à base da alfabetização, já inicia desde a gestação da mãe com sons, sentimentos, emoções e depois continua com o nascimento, as expectativas com aquele bebê, a escolha do nome, seu desenvolvimento nos primeiros anos de vida, suas identificações. Todos esses aspectos denotam a relevância desse processo de ler e escrever na fase da infância.

De acordo com Albuquerque e Moraes (2007) as crianças chegam à escola com um repertório rico de aspectos da oralidade e, devido a isso, devem-se trabalhar os contextos de vida e estruturar planejamentos sobre como proceder com a alfabetização. Supervalorizando o mundo letrado dos alunos se origina uma variedade imensa de gêneros:

A escola precisa assegurar a todos os estudantes- diariamente- a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados (...) ampliar as experiências das crianças e dos adolescentes de modo que eles possam ler e produzir diferentes textos com autonomia. Democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e da escrita e ajudar o estudante a, ativamente, reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética. (ALBUQUERQUE; MORAIS, 2007, p.72).

Em minha prática pedagógica, quando iniciei o processo de identificação e reconhecimento dos nomes dos alunos, eles estabeleciam conexões com suas realidades vividas até então. Uma aluna disse que sabia que seu nome começava com tal letra porque o nome da mãe dela também começa com a mesma letra. Outra criança disse que sabia reconhecer seu nome porque em casa os irmãos o escrevem na calçada.

Para que haja essa alfabetização é fundamental a presença do letramento, que são as práticas sociais que levam à aprendizagem. Por isso, constato que quando apresento letras, vogais e consoantes, sempre é necessário relacioná-las com o nome da rua onde moram, com o ônibus que pegam para irem à escola, com os nomes dos familiares, com as suas comidas típicas, com os programas que assistem na TV, com os desenhos que assistem. Caso contrário, o processo se interrompe e parece que se perdem os significados, os símbolos do alfabeto e a junção de palavras.

3.2 Sobre a integração das tecnologias na Educação

Segundo Castells (1999) a sociedade atual está conectada em rede devido à construção e expansão do conhecimento potencializado pelas tecnologias. Diferentemente de modelos teóricos pedagógicos anteriores, que primavam pela memorização e armazenamento de conhecimentos sólidos a partir dos livros e das tradicionais enciclopédias, os processos cognitivos atuais baseiam-se nas trocas de informações e na aprendizagem dos indivíduos a partir de conexões: um modelo formado por diversas fontes de conhecimento e cujo núcleo de interesses muda constantemente.

Mattar (2013) considera as características de produção e leitura de conteúdos como a de maior significado para a educação, porque elas permitem repensar aquela figura de aluno passivo e promovem o protagonismo no processo cognitivo. Dentro desta perspectiva, as redes sociais vêm ganhando destaque através de inúmeras experiências que as utilizam como recurso pedagógico que é de uso comum no cotidiano dos alunos.

Conforme Di Felice (2008) com as mais recentes estruturas sócios comunicativas nas escolas, mesmo que precariamente, destaca-se a necessidade de conciliar as práticas de

aprendizagem desenvolvidas nos espaços escolares com as inúmeras possibilidades de aprender a partir do ciberespaço, principalmente através das redes sociais.

As redes sociais instauram uma forma comunicativa feita de fluxos e de trocas de informações “de todos para todos”. Em função da quantidade ilimitada de informações que podem ser veiculadas na rede, a temporalidade também é distinta, praticamente em tempo real, resultando instantâneas todas as formas de comunicação na web. (DI FELICE, 2008, p.53).

Conforme o autor acima postulou, os avanços tecnológicos estão tomando uma proporção acelerada modificando até a noção de tempo e espaço, uma vez que podemos acessar tudo a todo o momento sem lugares definidos ou horários pré-estabelecidos. Em contrapartida, podemos ter mais autonomia no momento em que entramos em contato com as informações, pois podemos ver, ouvir, compreender e selecionar num simples trocar de tela ou de sites o que nos interessa ou o que nos necessita naquele instante.

Para Amiel (2012), a maior criatividade no uso das tecnologias da educação é ter a flexibilidade quanto ao tempo-espaço da aprendizagem com a escolha de objetivos precisos atendendo às especificidades de cada turma, seguindo o currículo proposto pelo programa. todas as tecnologias da educação se constituem como formas de aprendizagem flexível, pois permitem ao aluno desde a flexibilidade quanto ao tempo-espaço de aprendizagem até a escolha do que estudar, desde que respeitando o currículo proposto pelo programa.

A criatividade pode ser definida como a capacidade de combinar. Assim, para se combinar com destreza é preciso ter o que combinar- ou seja, nós de informação- e ter a aptidão de juntar coisas na rede semântica que façam sentido. Nesse mundo onde a prestação de serviços passou a ser um importante meio de trabalho e renda, muitas vezes um simples melhoramento em coisas que já existem é suficiente para torná-las atraentes. (SCHNEIDER, 2013, p.96)

Essa criatividade pode ser colocada em prática em sala de aula, uma vez que o professor têm à sua disposição algumas possibilidades e propostas midiáticas, tal como sugere Pinto (et.al, 2012, P. 42):

- a) Os sites podem ser utilizados como ferramenta para desenvolverem a cultura da aprendizagem com potencial para expandir o ensino além da sala de aula;
- b) A necessidade de haver um novo modelo de educação baseado em redes sociais que permitam que pessoas aprendam enquanto socializam;
- c) As redes sociais servem como modelo de comunicação para além da sala de aula, por serem significativas para os estudantes;
- d) As redes sociais oferecem aplicações inovadoras e interativas que engajam os envolvidos e incentivam a participação, a busca por informações e a conexão, modificando assim a forma como as pessoas se comunicam;
- e) Permitem a colaboração e coordenação entre os membros de maneira eficiente e efetiva

Para que se vivencie essa criatividade proposta por Pinto (2012) em sala de aula, utilizando e concebendo os recursos midiáticos como instrumento pedagógico é necessário à transformação do olhar frente às crianças que hoje em dia tem contato com a tecnologia. Na mesma linha de pensamento Gomes (2016) esclarece que é comum, nos dias atuais, as crianças escolherem brinquedos mais tecnológicos como *videogames* e *tablets* - deixando meio que de lado os passatempos usuais como jogar bola, brincar de boneca, carrinho e etc.

Couto (2017), por sua vez, aponta que as novas tecnologias trouxeram novas formas de brincar e aprender. Segundo ele, a aplicabilidade dos recursos midiáticos ao universo infantil é instantânea. As crianças usam as mídias como *smatphones* para ouvir músicas, fazer vídeos, tirar fotos, postar em redes sociais – o que estimula a oralidade e o aspecto visual no desenvolvimento cognitivo e mental. O autor explicita que todas essas considerações nos oferecem pistas sobre como trabalhar, em sala de aula, a partir do sensorial, do afetivo, daquilo que toca o aluno antes mesmo de se falar sobre ideias, conceitos e teorias. Partir do concreto para o abstrato, do imediato para o mediato, da ação para a reflexão, da produção para a teorização.

Compartilho com as ideias de Machado (1988) quando aponta que a força da linguagem está em dizer muito mais do que captamos, chegar por muitos mais caminhos do que conscientemente percebemos e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos ou que se relacionam conosco de alguma forma. Diante dessas linguagens sofisticadas a escola pode, a partir delas, conhecê-las, ter materiais audiovisuais mais próximos da sensibilidade do aluno.

3.3 O uso de vídeos produzidos no celular como recurso pedagógico

Observando o uso das mídias por parte dos meus colegas de trabalho e por mim mesma no dia a dia da sala de aula vejo que as inovações tecnológicas afetam profundamente a organização dos sistemas educacionais, bem como o próprio processo de ensino-aprendizagem, exigindo uma mudança nos conteúdos, na organização social da aprendizagem, nas habilidades de pensamento e nos papéis do professor e do aluno. Pensar no uso das tecnologias não é apenas inseri-las no cotidiano. É necessário pesquisar e refletir sobre essas ferramentas, sobre suas possibilidades práticas e como contextualizá-las no ambiente educacional.

Na minha realidade escolar, assim como há uma parcela de alunos inseridos nas tecnologias, há outra que necessita ser inserida. Para ambos os públicos deve-se pensar,

planejar, analisar, compreender cada realidade e cultura que é trazida por eles. Por isso a base da prática pedagógica do professor deve ser alicerçada em ações criativas, desenvolvendo estratégias com recursos disponíveis na escola. Nesse sentido, para realizar o planejamento e a integração das TICs, é preciso conhecer de fato os recursos que estão disponíveis na escola (materiais, recursos humanos e infraestrutura). O professor deve vivenciar esses recursos ao fazer o levantamento, selecionar sites, materiais disponíveis na rede e outras mídias disponíveis. NO caso da minha escola os recursos se resumem aos computadores da sala de informática, sendo que há sete em manutenção e oito funcionando parcialmente tendo que ser agendado antecipadamente.

Segundo Vivian e Pauly (2012) os celulares são computadores portáteis interligados na internet, com inúmeros recursos internos, capazes de filmar, tirar fotos, produzir montagens, gravar áudios. Todos esses utensílios foram criados para facilitar a vida das pessoas. Oliveira e Villard (2005), por sua vez, referem que a tecnologia é o principal fator de transformação e de crescimento de uma sociedade tecnológica. Por isso a importância de inserir, no processo de ensino e aprendizagem, novas mídias e tecnologias como o celular, por exemplo, propiciando ao aluno a oportunidade de interagir com esses novos conceitos e práticas educativas que o farão evoluir na mesma proporção em seu meio social e, conseqüentemente, profissional.

Beto e Cavalcante (2013) afirmam que o uso do celular em aula é um importante recurso quando bem explorado, pois se trata de um recurso que pode dar uma grande contribuição ao processo de ensino e aprendizagem, melhorando, assim, o rendimento escolar. Para tanto, o professor deve dar ao aparelho celular uma utilização adequada, que o transforme em uma ferramenta importante para contribuir nesse processo.

De acordo com Nonato (2006, p.84):

As Novas Tecnologias são, na Educação Contemporânea, um instrumento importantíssimo, até imprescindível, na consecução de práticas e procedimentos didáticos- pedagógicos que viabilizem a inserção positiva, produtiva e atuante do cidadão na sociedade e em todos os seus aspectos.

Bento e Cavalcante (2013) salientam, ainda, que o aparelho celular com sua gama de aplicativos pode ser utilizado como recurso pedagógico em sala de aula. Dessa forma, é relevante que o professor tenha a consciência de que os telefones celulares podem ser uma ferramenta midiática e pedagógica importante, desde que faça intervenções adequadas e propicie ao aluno o entendimento de que tal aparelho, naquele contexto específico de sala de aula, deve ser utilizado essencialmente a partir de um viés pedagógico.

Entre outros aspectos, Vivian e Pauly acreditam que o uso pedagógico do celular favorece:

a ampliação e a equidade em educação; a melhora a educação em áreas de conflito ou que sofreram desastres naturais, a assistência a alunos com deficiência; otimiza o tempo na sala de aula; permite a aprendizagem em qualquer hora e lugar; constrói novas comunidades de aprendizado; dá suporte em aprendizagem in loco; aproxima o aprendizado formal do informal; provê avaliações de feedbacks imediatos; facilita o aprendizado personalizado; melhora a aprendizagem contínua; melhora a comunicação e maximiza o custo-benefício da educação. Percebe-se, com isso, a variedade de possibilidades do uso do celular como instrumento pedagógico, proporcionando ao aluno uma visão ampliada de mundo (VIVIAN e PAULY, 2012, p.56).

Em uma perspectiva mais ampla, no que diz respeito às novas tecnologias, Souza e Souza (2010, p.16) as consideram como facilitadoras no processo de ensino-aprendizagem, visto que não somente ajudam no processo de aquisição de conhecimento como também: “criam certa criatividade, juízo de valor, aumento da autoestima dos usuários, além de permitir que adquiram novos valores e modifiquem o comportamento, transformando as tarefas árduas, negativas e difíceis em algo dinâmico, positivo e fácil”.

Desta forma, posso perceber na minha realidade como professora alfabetizadora que o uso das mídias seja quais forem estimulam e transforma a aprendizagem do aluno em algo significativo para ele próprio lhe dando uma visão clara do seu conhecimento. Logo, postula Moran:

As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam gigantesamente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornando-se interlocutores lúdicos e parceiros da caminhada professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais e ajudam o professor a ajudá-los melhor (MORAN, 2000, p. 17-18).

No cenário contemporâneo da educação, torna-se relevante que os educadores saibam utilizar e explorar as mídias como o uso do celular, por exemplo, visando a criação de um ambiente propício à assimilação do saber. Dessa maneira, acredito que algumas ferramentas e recursos midiáticos podem cumprir um papel facilitador no processo de ensino e aprendizagem. Em relação especificamente ao acesso e consumo de informações pelo telefone celular, vale ressaltar que na atualidade as crianças são constantemente interpeladas e estimuladas por uma série de imagens, sons, desenhos, aplicativos infantis, entre tantas outras possibilidades interativas e tecnológicas que os smartphones oferecem.

Segundo Junkes, Maccain e Crockett (2010) as chamadas novas mídias não são consumidas de forma passiva. As crianças e jovens da geração atual não se contentam em ser telespectadores passivos, pelo contrário. Eles desejam ser atores da sua aprendizagem, protagonistas de suas trajetórias que, inevitavelmente, são atravessadas pelas mídias.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Este tópico considera as questões metodológicas envolvidas na presente pesquisa, de cunho qualitativo, do tipo pesquisa-ação. Tripp (2005) afirma que esta pesquisa é uma tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática.

É uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática. Esta pesquisa requer ação, de modo que apresente características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica.

Como refere o autor, na pesquisa-ação se toma consciência dos princípios que conduzem o trabalho do pesquisador. Nesse sentido, é relevante ter clareza a respeito da proposta que se quer desenvolver e do porquê estamos realizando-a. Trata-se de um método participativo que funciona a partir de princípios como cooperação e colaboração, tendo em vista que os efeitos da prática de um indivíduo isolado em um coletivo não se limitam apenas àquele indivíduo.

O processo metodológico da presente pesquisa iniciou com um levantamento bibliográfico, pois, segundo Fonseca (2002), qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica - que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Nessa etapa, tive contato com algumas leituras que envolveram livros, revistas e artigos, periódicos e monografias. Na sequência foi produzido um fichamento de tais leituras, que deu origem à fundamentação teórica, dividida em três tópicos que trabalham o tema gerador da pesquisa: “O processo de alfabetização nos anos iniciais”; “Sobre a integração das tecnologias na alfabetização” e “O uso de vídeos produzidos no celular como recurso pedagógico”.

O processo de gravação dos vídeos com a turma do 1º. ano do turno da manhã foi realizado na rotina escolar dos alunos. Após ingressarem na sala de aula, organizarem o seu material escolar e copiarem o roteiro do dia, a professora pesquisadora explicava em etapas como se daria o procedimento do trabalho com os vídeos. De maneira geral eu os conduzia até o pátio externo da escola e fazia as gravações embaixo de uma grande figueira.

Os vídeos foram gravados no período de março a outubro de 2018, tendo sido gravados um total de 15 vídeos com a turma. Cada vídeo possui uma duração média de três minutos. Após a gravação, eu costumava no mesmo dia, *in loco*, mostrar o resultado a eles. A ideia era que pudessem se ver, retomar, fixar o conteúdo da atividade e observar os seus movimentos de auto avaliação. A exibição dos vídeos era realizada no meu próprio aparelho

celular (para pequenos grupos), no meu notebook ou na sala de vídeo da escola, através do data show.

Os vídeos, nos quais foram registrados determinados momentos de aula, foi realizado tanto nas aulas de linguagem (que envolvem o som de letras, vogais, consoantes, sílabas, palavras, frases), quanto nas aulas de raciocínio lógico (que focam a quantificação de números, ordenamento, distinção de maior e menor, simbologia e desenho do numeral). Neste projeto, também foram utilizados livros de contos com leituras de textos que estão relacionados com os objetivos propostos e, ainda, material concreto, como: potes, tampas, palitos e material reciclável em geral para trabalhar questões da área da matemática, como a quantificação dos números por exemplo.

A turma escolhida para a realização deste trabalho possui 25 alunos na faixa etária de 06 e 07 anos de idade. Desse número, cerca de 20 alunos participaram ativamente da pesquisa. Para as análises desse trabalho, foram selecionados três vídeos da área da linguagem (que envolvem a construção da escrita), e três vídeos da área de raciocínio lógico. O objetivo foi identificar como os vídeos, nas respectivas áreas do saber, podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas. Para isso, é importante relatar o trabalho realizado nos momentos de aprendizagem e colocar em evidência exemplos de como tais vídeos poderiam colaborar nesse processo.

Sendo assim, os vídeos estão divididos em duas categorias: Linguagens (vídeo 1, vídeo 2, vídeo 3) e Raciocínio Lógico (vídeo 4, vídeo 5, vídeo 6). Na sessão de análises e resultados (Capítulo 5) irei relatar o processo de produção de cada vídeo e as reações das crianças ao se verem nas gravações. Também utilizarei, como dados da pesquisa, uma série de anotações que foram registradas em caderno de anotações.

4.1 Sobre o bairro, a escola e os sujeitos da pesquisa

Conforme Morão (2016), a Restinga é um bairro considerado uma espécie de “cidade independente” de Porto Alegre, devido à sua distância em relação ao centro da cidade, uma área de ampla extensão, e uma população numerosa. Vila Restinga, hoje Bairro Restinga, é uma área empobrecida, com morros em seu entorno, com características urbanas, embora tenha sua localização bastante distante, e suas características de gênese ser rural. Para o autor, o surgimento da Restinga, advém entre tantos motivos, de uma preocupação do poder público com o fato das famílias que viviam de invasões na região central de Porto Alegre estarem impedindo a modernização da Capital.

O nome desta área de Restinga provém das características iniciais que possuía, como por exemplo, ser cortada pelo Arroio do Salso e por possuir uma vegetação arbustiva. Este bairro não possuía acessos viários, redes de água ou energia elétrica, escolas, atendimento médico, ou qualquer tipo de infraestrutura ou equipamento urbano necessário para uma melhor qualidade de vida de seus moradores, no entanto, o objetivo era levar estes moradores das antigas vilas, para uma área periférica, bem distante do centro da cidade, ou dos bairros que começavam nesta época, a se desenvolver.

Através de entrevistas realizadas com as famílias dos alunos, ainda no início do ano de letivo de 2018, foi constatada que a maioria deles integra famílias que moram em prédios que fazem parte do programa social “Minha Casa Minha Vida”, ou em blocos de apartamento com valores populares construídos na Restinga Nova. Esses apartamentos são de um, dois ou até três quartos.

Segundo dados da página² oficial da SMED (Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre) a Rede Municipal de Ensino conta atualmente com 92 escolas, sendo 40 delas de Educação Infantil, 47 de Ensino Fundamental (sendo quatro delas de Educação Especial), duas de Ensino Médio e uma de Ensino Básico. Nas escolas Municipais de Porto Alegre, o Ensino Fundamental tem duração de nove anos, está organizado em três ciclos de três anos cada e respeita o ritmo, o tempo, as experiências e características da faixa etária dos alunos facilitando a continuidade das aprendizagens. O primeiro ciclo no qual foi realizada a presente pesquisa, considerado o período de alfabetização, inclui crianças na faixa etária de 06, 07 e 08 anos de idade.

A escola na qual foi realizada a pesquisa está localizada no bairro Restinga Nova, na Zona Sul de Porto Alegre. Trata-se de uma escola que possui em torno de 400 alunos, e que funciona nos turnos da manhã (das 8h às 12h) e tarde (das 13h 15min às 17h 15min). A instituição possui todos os anos do Ensino Fundamental, não possui Ensino Médio e também não funciona à noite. Está localizada na área urbana e central do bairro Restinga, na Avenida principal onde há inúmeros comércios e edifícios.

É uma escola que possui no seu entorno estabelecimentos comerciais e residenciais, sem a existência de vilas ou ocupações urbanas. O acesso ao transporte público é amplo, com diversas opções de linhas de ônibus. O público frequentador da escola advém de regiões diversas, tais como: Lami, Lageado, Belém Velho, Restinga Velha, Rincão, Pinheiro entre

² Disponível em: www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/

outros. Os alunos, em sua maioria, se deslocam até a escola de ônibus, de van escolar ou de carro particular - alunos que vão a pé são poucos. Eles possuem irmãos em vários anos dos ciclos diferentes e as famílias procuram deixá-los na mesma escola até concluírem o Ensino Fundamental.

Os alunos participantes da pesquisa são oriundos de classe média baixa. A maioria das famílias tem poucos filhos, os alunos têm no máximo um ou dois irmãos. Moram com os pais biológicos e também residem próximos a familiares como avós maternos ou paternos. Em linhas gerais, não há casos de problemas estruturais nas famílias desta turma como abandono, abusos ou maus tratos. Em geral, as mães desenvolvem alguma atividade econômica formal ou informal e os pais possuem empregos fixos. No que diz respeito às suas condições do ponto de vista dos recursos midiáticos/ tecnológicos, são famílias que possuem telefones celulares com acesso à internet e utilizam bastante esses aparelhos para terem acesso às mais diversas informações.

No que diz respeito aos espaços físicos e estruturais da escola, há uma secretaria com dois funcionários, uma biblioteca, uma sala de professores, uma sala de SOP (Serviço de Orientação Pedagógica, uma sala de SOE (Serviço de Orientação Educacional), uma sala de SIR (Sala de Integração e Recursos), uma sala de xerox, dois banheiros para professores, dois banheiros para alunos, uma pracinha, duas quadras sendo uma aberta e outra fechada, um refeitório e no primeiro prédio há cinco salas dos alunos do ciclo C (correspondente ao 7º até o 9º ano), no segundo prédio cinco salas dos alunos do ciclo A (correspondente ao 1º até o 3º ano) e mais quatro salas do ciclo B (correspondente ao 4º até o 6º ano), sala de ciências, sala da direção, sala do LAB (Laboratório de Aprendizagem) e sala de informática com 14 computadores funcionando.

5. OS VÍDEOS: RELATOS E ANÁLISES

5.1 Vídeos de Linguagem

5.1.1 Vídeo 1 - Apresentação das vogais

No mês de março de 2018, houve o período de sondagem dos conteúdos com os alunos da turma A11, momento no qual foi constatada a necessidade de trabalhar com a questão das vogais, devido à maioria da turma já reconhecer as letras de seus nomes. Na sequência foi planejada a primeira experiência de gravação pelo aparelho celular, com os alunos sentados em círculo no pátio externo da escola.

Nessa primeira experiência, todos ouviram atentamente as orientações. Foram escolhidos aleatoriamente, por sorteio, cinco alunos que ficaram em cinco pontos diferentes do espaço - cada um portando uma placa com uma vogal: A-E-I-O-U. Como essa foi a primeira atividade a ser registrada através da gravação do vídeo no telefone da professora-pesquisadora, houve certo alvoroço por parte das crianças: risadas, conversas paralelas e uma certa expressão de dúvida.

A atividade proposta se desenvolveu da seguinte maneira: ao sinal da professora os alunos, de mãos dadas e em um círculo fechado, deveriam caminhar até a letra inicial da palavra que fora emitida. Ao chegarem à letra, deveriam levantar os braços e posicionar no centro o colega que segurava a placa com a vogal.

O objetivo dessa atividade foi trabalhar a coletividade, a integração e a identificação da primeira letra falada (uma vogal) com a sua placa correspondente. Por exemplo: se a palavra dita fosse “abacaxi” os alunos, deveriam pensar com qual letra inicia a palavra e ir até a placa da letra A, e assim por diante. O mesmo ocorreria com “Escada”, “Inter”, “Ônibus”, “Uva”. Posteriormente houve mais quatro rodadas nas quais foram emitidas outras palavras pertencentes ao universo cultural dos alunos e ao seu repertório, para que eles encontrassem a letra inicial de cada uma.

Esse primeiro vídeo durou em torno de quatro minutos, e através dessa experiência foi possível observar uma série de situações inusitadas, tais como: alunos indecisos no momento de escolher qual a vogal correta, em contraste com outros já determinados na letra em que deveriam ir. Outra curiosidade foi observar o círculo de crianças “dançando” de um lado para o outro em vários momentos porque havia uma indecisão do grupo sobre para qual placa deveriam se dirigir.

É interessante pontuar que a partir do retorno e da receptividade dos alunos com essa primeira gravação, houve motivação para a produção de novos vídeos, bem como curiosidade de mostrar a eles o resultado da atividade e observar suas reações. Naquela mesma semana, os alunos foram levados à sala de vídeo da escola que possui um aparelho fixo de data show (que exige reserva prévia para ser utilizado).

A turma se assistiu e inicialmente as reações foram risadas, gargalhadas e entusiasmo. Em seguida, alguns alunos começaram a se avaliar dizendo que tinham que ter ido à letra inicial certa, que se perderam, se confundiram. Já outros comentaram que demoraram a chegar até a placa porque o círculo era grande e tinham colegas indecisos. Outros, por sua vez, simplesmente ficaram espantados com o seu desempenho na atividade, parecendo não acreditar que eram eles mesmos. Por fim, combinamos que novos vídeos seriam realizados e que eles teriam outras oportunidades de se assistirem. E assim tal procedimento metodológico se repetiu ao longo das atividades desenvolvidas com a turma.

5.1.2 Vídeo 2 - Hora do Conto: Coelho mal

A “Hora do Conto” aconteceu na semana de Páscoa, no final de abril de 2018. Os alunos sentaram em círculo no pátio e então teve início a contação da história de um coelho que não era da Páscoa. O livro versava sobre a relação difícil do coelho com seus pais, tanto que o coelho acabou fugindo de casa. Este coelho fazia muita bagunça e não respeitava regras de convivência com outros coelhos.

A narrativa aborda sentimentos como raiva, insegurança, intolerância, desrespeito e falta de limites. Entre outros motivos, a história foi escolhida para ser trabalhada com a turma em função da prática pedagógica assumida pela professora-pesquisadora, que visa trabalhar a questão do meio em que os alunos vivem e como se relacionam com as pessoas em seu entorno. Tal estratégia se apresenta em consonância com a perspectiva construtivista de Vygotsky. Conforme Baquero declara sobre este autor,

Vygotsky define que as ideias não ocorrem por si mesmas, que surgem das atividades e que a atividade se define como tal inter-relação entre indivíduos e o meio. Ele considera que o indivíduo é um ser social e que constrói sua individualidade a partir das interações que se estabelecem entre os indivíduos, mediadas pela cultura, ou seja, a relação de ser como meio humano é condição para que ele se constitua como indivíduo. O meio é a fonte de conhecimento, o qual é construído a partir das atividades dos indivíduos em interação com os elementos que constituem esse meio. Esse é o meio natural e social e constituído pela cultura. Essa noção de cultura integrante do processo de construção de conhecimento e de constituição do indivíduo é central para a concepção de aprendizagens, pois esta incorpora a experiência dos indivíduos (...). Vygotsky afirma que o conhecimento é

socialmente construído, ou seja, a única possibilidade de construção de conhecimento é aquela que segue o caminho do interpessoal para o intrapessoal. (BAQUERO, 1998, p. 38)

Nesse sentido, acredito que a perspectiva construtivista de Vygotsky dialoga com as práticas realizadas ao longo da pesquisa, uma vez que o meio, o contexto, o repertório, o sistema cultural pertencente a cada aluno contribuiu e interferiu sobremaneira no desenvolvimento das atividades propostas. Em seus relatos os alunos apresentaram seus valores e concepções, bem como apontaram qualidades, defeitos e dúvidas acerca do coelho e seu comportamento. Vygotsky (1998) aponta que é a cultura que fornece à criança os elementos simbólicos de representação da realidade, permitindo que ela construa sua interpretação do mundo que a rodeia. Essa interpretação é mediada e construída na presença do outro. No que diz respeito a essa atividade específica, a interpretação foi produzida por meio do debate e intervenção dos alunos e, após, com a reprodução do vídeo que os ajudou a refletir sobre as suas ações ao se verem na tela.

Após a contação da história, que dessa vez tinha sido gravada por uma colega professora, os alunos iniciaram o debate no qual deveriam retomar o enredo do livro e estabelecer alguma conexão entre o enredo e suas vidas. Todos os alunos manifestaram vontade de participar e compartilhar suas vivências. Alguns disseram que os pais do coelho tinham que ter sido mais severos, dando castigo ao filho ou tirando suas coisas e, logo depois, já estabeleceram relações com suas famílias, pois quando fazem algo que não deviam acabam perdendo alguma coisa de que gostam muito. Já outros disseram rapidamente que obedecem a seus pais em casa para não levarem castigo; ainda houve aqueles que acreditavam que o coelho era muito ruim e não queriam um amigo assim. Alguns também relacionaram as bagunças do coelho com as de alguns colegas de aula que, segundo eles, também demoram para seguir as regras da turma.

No retorno à sala de aula o vídeo, com duração de cerca de cinco minutos, foi exibido para a turma. Como naquela oportunidade não foi possível utilizar a sala de vídeo, a exibição foi feita no próprio notebook da professora-pesquisadora. Em pequenos grupos os alunos assistiam e na sequência iam para suas classes fazer uma atividade, cuja proposta era desenhar e escrever do seu jeito e com as suas palavras aspectos da história do “Coelho mal” que foram importantes para eles. Surgiram palavras como: “coelho”; “família”; “cenoura”; “briga”; “amigos”; “respeito”. Cada um desenhou o que achou importante e depois escreveu a palavra ao lado. Dentro dos pequenos grupos que se assistiram nesse vídeo foi possível registrar

frases instigantes, tais como: “*Prof., não foi bem isso que eu quis dizer*”; “*Eu queria falar mais, mas a professora não deixou*”; ou “*Eu tinha que ter falado do final da história*”.

Alguns pareciam tímidos na gravação, mas no momento em que se assistiram, acabaram se expressando bem mais, contaram coisas sobre suas vidas, suas histórias e sobre a própria história contada. Houve alunos que ao se verem no vídeo, no momento da discussão sobre a história, mudaram seu pensamento sobre o que queriam desenhar ou sobre a palavra que iriam escrever. Por exemplo: o aluno A disse que iria desenhar o coelho, mas depois que assistiu ao vídeo mudou de ideia e afirmou que desenharia os pais do coelho.

Vale pontuar que como a maioria da turma se encontrava em um nível pré-silábico ou intermediário 2, como se refere Ferreiro e Teberosky (1999) ao definirem as etapas de alfabetização, as palavras escritas apresentavam algumas omissões de letras ou letras em demasia - típico dessa fase da alfabetização.

5.1.3 Vídeo 3 – Apresentação de personagens do folclore brasileiro

Em agosto de 2018 desenvolvemos um trabalho pedagógico e focalizado na temática de um dos tópicos das datas comemorativas do ano sobre o Folclore. Primeiramente eles assistiram na sala de aula a um vídeo sobre as lendas folclóricas do Brasil com a exemplificação de cada personagem histórico. Nestas exemplificações estavam inseridas suas funções como ícones do folclore brasileiro. No vídeo o narrador conta a origem e a vida de cada personagem lendário. Os alunos nem piscam vidrados vendo esta apresentação. Depois, cada aluno relatou a sua compreensão acerca do que lhe foi apresentado e falou sobre os personagens, destacando aquele que mais lhe chamou a atenção e relacionando isso com algo que tenha visto e/ou vivido em seu cotidiano. Por exemplo, sobre a história da mula sem cabeça, um aluno a relacionou com uma morte ocorrida na localidade onde mora e que foi contada por seu pai. O relato deu margem para um debate em relação aos aspectos sociais que cercam a vida dos alunos e que interferem em seu aprender.

Ao falarmos sobre o significado do folclore surgiu o conceito de imaginação oriundo de um aluno que já costuma ter o hábito da leitura e já se encontra no nível alfabético da alfabetização. Nesse sentido, procurei compreender melhor. Alguns disseram que folclore são histórias de seres que não existem mas são divertidos, fazendo uma relação com personagens de contos de fadas como Chapeuzinho vermelho, Cinderela, A Branca de Neve e outros. Percebi certa maturidade cognitiva por parte de alguns alunos como M que disse: “*Folclore é a nossa imaginação. Não existe, mas tá ali pra gente saber que pode ver*”. Frase profunda

que fez outros alunos refletirem, pois percebi nos olhares e semblantes que refletiam sobre a fala de M. Outras fizeram referência à imaginação do pensamento ou à imaginação do que não vemos mas sabemos que está ali ou, ainda, à imaginação da criança.

Na sequência desta atividade pedagógica, durante o debate reflexivo, foi realizada a gravação deste momento no aparelho celular. Dentre os personagens preferidos a turma mencionou curupira, saci, mula- sem- cabeça, Iara, entre outros. A impressão foi de que o personagem que ganhou mais destaque nas falas deles foi o saci, por fumar cachimbo e só ter uma perna. Houve alunos que disseram que já tinham visto o saci; outros que já conheciam essa história; alguns afirmaram que não acreditavam que um menino só tinha uma perna.

No momento pós-atividade pedagógica, quando se assistiram no vídeo debatendo sobre os personagens, alguns que disseram que o saci havia chamado mais a atenção depois falaram que se esqueceram de outros personagens como o boto ou o boitatá. Pareciam se dar conta que acabaram focando apenas em um personagem, sendo que a professora havia aberto espaço reflexivo de conversa para que falassem de qualquer um dos personagens apresentados a eles. Algumas crianças comentaram que se confundiram ao falarem do personagem e sobre o que ele fazia. Exemplo: um menino disse que ao ver a gravação, em que afirmava que o boto era um peixe, se deu conta de que era um golfinho. O aluno L disse assim: *“Eu fiquei calado, não falei nada. Não sei porquê”*. Esse trabalho sobre o folclore também foi visto na sala de vídeo através do data show da escola. Após longo debate, os alunos retornaram à suas classes. Os alunos foram divididos em duplas ou trios e receberam os personagens apresentados para colorirem, recortarem, colarem e escreverem, de forma espontânea no caderno, o nome de cada um. Assim, foi possível desenvolver os objetivos da tarefa. Os estudantes demonstraram que se apropriaram das histórias folclóricas e conseguiram relacioná-las aos aspectos das suas vidas, distinguir cada personagem pelas suas características e, após, construir a escrita sobre eles.

5.2 Vídeos de Raciocínio Lógico

5.2.1 Vídeo 4 – Contagem dos números com material concreto

Em março de 2018, foi solicitado aos alunos que trouxessem de casa materiais concretos como caixa de remédio, rolo de papel higiênico, embalagens plásticas, caixas de leite, entre outros. Todos esses materiais foram reunidos e a turma foi dividida em cinco grupos. Cada grupo ficou com os objetos trazidos por eles próprios, mas em quantidades diferenciadas. Um grupo ficou com quatro objetos, outro com dez objetos, outro com dois,

outro com seis objetos e outro com oito objetos. Eles tinham que manusear com o tato cada um dos itens, dizer sua origem, nome, serventia e depois colocá-los enfileirados para se fazer a contagem e o registro em uma folha com o numeral referente.

Os alunos tiveram momentos de construção coletiva de pensamento quando conversavam, mediam, apalpavam os objetos, os cheiravam. Os puseram no chão, na cadeira. A exploração foi intensa. Ao contarem os objetos se percebia claramente os alunos que já tinham a conservação do número e os que ainda estavam na fase de construção da quantificação. Os alunos contavam e recontavam os objetos uns dos outros, se auto-corrigiam e corrigiam o colega – caso este tivesse contado errado.

Quando foi feita a apresentação do vídeo, os alunos começaram a se avaliar entre eles. Tiveram alunos como o L, que disse: *“eu falei que era 8, tu tinha dito que era 7”*, se referindo ao colega do mesmo grupo. Também surgiram falas como da aluna M: *“Ai eu não disse três, eu disse? Eu tava tonta. Foi errado. Era seis!”*, referindo-se a contagem dos objetos.

No dia seguinte, em uma atividade pedagógica que retomava o tema da contagem dos objetos que eles tinham feito no dia anterior, percebi que houve alunos que remeteram ao vídeo relatando questões que lhe instigaram e relacionaram com suas práticas cotidianas, tais como: *“Ah já sei quanto é. Sei porque eu vi o grupo do colega B contando e já sei desenhar o número também”*. Contudo, para alguns, o fato de terem revisto a atividade através do vídeo parecia não fazer tanta diferença pela postura, olhares e movimentos corporais que denotavam uma sensação de que o vídeo não havia despertado algo que lhes aguçasse a curiosidade sobre a atividade. Já a aluna V disparou: *“Professora como é mesmo a quantidade de rolos que tinha no meu grupo? Era quatro? Ah lembrei era quatro como este exercício aqui da folhinha. Já sei fazer o quatro.”*

O que foi possível perceber, conforme a prática pedagógica de se assistirem nos vídeos foi sendo desenvolvida, é que assim como quando se conta uma história parece que a reprodução do vídeo de uma atividade realizada faz sentido na aprendizagem trazendo à lembrança as vivências daquele momento. Ao terem visto um vídeo de uma discussão ou atividade proposta, os alunos retomaram os temas, lembraram o conteúdos e, em alguma medida, revisitaram aquela vivência anterior. Portanto, acredito que uma prática como essa interfere positivamente na questão da aprendizagem, contribuindo de alguma maneira para o processo.

5.2.2 Vídeo 5 – Contagem com as cartelas feitas pelos alunos com tampinhas de garrafa pet

Dando continuidade ao projeto dos vídeos em aulas de Raciocínio Lógico, em maio de 2018 propus um trabalho no qual os alunos ganharam papelões, os pintaram com tinta e depois colaram a quantidade de tampinhas correspondentes ao número da cartela: 1-2-3-4-5-6-7-8-9.

Na sequência, os alunos em grupos fizeram cartelas com os números de 1 à 9 colocando o número e colando as tampinhas correspondentes. Depois formaram um grande círculo. Um colega chamava o outro ao centro, mostrava a cartela e pedia para o colega dizer a quantidade e comprovar contando termo a termo as tampinhas.

Neste mesmo dia, os alunos foram até a sala de vídeo assistir a gravação feita por mim, com duração de oito minutos. Logo no início os alunos riam, ficavam alguns envergonhados e outros se deslumbravam ao se enxergarem na tela.

Reproduzi a mesma atividade paralelamente, chamando os alunos para o centro do círculo. Enquanto passava o vídeo, eu pegava uma cartela e perguntava quantas tampinhas tinham ali. Alguns olhavam o vídeo antes de responder, outros falavam de imediato, outros nem viam o vídeo e contavam cada tampinha para ter certeza da resposta.

Nessa atividade, pude observar que alunos que já tinham a conservação do número viam o vídeo para se admirarem; já para aqueles que ainda estavam construindo a concepção de quantidade do número foi importante olhar o vídeo antes de dar a resposta para a professora, pois assim se certificavam do que iriam dizer.

5.2.3 Vídeo 6 – Montagem do jogo de memória com os personagens das lendas folclóricas

Em agosto de 2018, na semana do Folclore, foram apresentados vídeos contando as lendas de cada personagem: Saci, Iara, Boto Cor-de Rosa, Mula-sem-Cabeça, entre outros. Os alunos debateram de forma intensa e questionadora sobre os personagens e suas visões acerca da história de cada um, e dois dias depois foi realizado um jogo de memória impresso no qual cada personagem foi copiado duas vezes para serem feitas duplas de peças do jogo. No jogo, eles deveriam mostrar suas habilidades em pintar, recortar e colar na cartolina. Depois, deveriam colocar as peças em um envelope e jogar em duplas. Esse dia foi destinado à montagem do jogo de memória. Um dia construtivo, pois eles foram autores de seus jogos tendo que transformá-los em um instrumento didático e lúdico.

No dia seguinte os alunos escolheram suas duplas e sentados no chão da sala, frente a frente, abriram seus envelopes e começaram a jogar. Ganhava quem encontrava mais pares dos personagens. Cada rodada em que um aluno encontrava o par, por exemplo, o par do Lobisomem pegava as duas peças para si e o colega que perdeu tinha que fazer a imitação do lobisomem. Esse dia também foi longo porque houve várias rodadas.

A atividade foi gravada durante sete minutos. Depois, reservei a sala do vídeo na semana seguinte para a turma assistir. Como esse jogo exigiu muita concentração porque envolvia atenção, memória, raciocínio rápido e agilidade, logo as duplas eram trocadas.

Ao se enxergarem na tela eles riam bastante de si mesmos e dos colegas nos momentos das imitações. Faziam comentários, como por exemplo: *“Ah eu sabia que aquela peça tava ali, mas não virei”*; ou *“Eu tinha que ter feito a imitação da Iara deitada porque era uma sereia, eu na hora não soube fazer”*. Também houve comentários como: *“eu aprendi a contar fazendo essa brincadeira, agora conto até mil”*. Todos pediram para repetir essa atividade e, apesar desse vídeo ter sido o mais longo, as crianças não perderam a atenção.

Após o vídeo, retornaram à sala de aula para tentar reproduzir, do jeito que conseguissem, a escrita dos nomes dos personagens: SACI- LOBISOMEM- MULA-SEM CABEÇA, IARA- BOTO- COR DE ROSA- CURUPIRA. Quando começaram a escrever cada um da forma que achava correto, eu intervinha e perguntava se aquela era mesmo a forma certa ou teria outra talvez. Nesse momento o aluno E disse: *“Ah! Boto tem a letra O, que no dia que brincamos de placas no pátio a colega K tava usando”*. Ou seja: ele estabeleceu uma associação com uma atividade feita no mês de março, lembrando da vogal e do vídeo que havia assistido.

Acenei positivo com a cabeça e ele conseguiu escrever a palavra. Já outros alunos lembraram outras aulas que não foram gravadas no celular, mas nas quais foram trabalhadas as vogais durante o primeiro trimestre. Nesse sentido, considero que há uma significação dos vídeos no momento das aprendizagens quando em alguns momentos eles manifestam recordar dos vídeos assistidos ao concluírem uma determinada atividade, mostrando o conhecimento adquirido. Contudo, é importante registrar que essa retomada aos vídeos não é uma regra e tampouco é algo sistemático. São expressões espontâneas que variam muito de aluno para aluno. Percebi que também interferem nesse processo a questão do tempo de filmagem dos vídeos e o tempo para eles debaterem no próprio vídeo e depois ao ser reverem, período que seria o início da aula ou depois do recreio, pois eles ficam mais agitados e dispersivos conforme vai terminando o turno e situação em que o aluno está na aula que quer dizer se está com sono em dia e desperto ou não, se está doente ou com fome.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início as considerações finais deste trabalho revelando o quanto foi desafiador elaborar e colocar em prática uma ideia que, na minha perspectiva de atuação pedagógica, era uma ideia nova e até então desconhecida: gravar com o meu próprio celular e, posteriormente, discutir com (e exibir para) os meus alunos, os sujeitos da pesquisa, vídeos das atividades envolvendo linguagem e o raciocínio lógico. Uma prática singela, viável, que não exigiu infraestrutura complexa nem arranjos tecnológicos, mas que produziu efeitos positivos no processo de alfabetização da turma.

Desse modo, após ter desenvolvido essa pesquisa, a qual me oportunizou introduzir na minha prática docente a utilização de vídeos no smartphone como parte de uma estratégia pedagógica de alfabetização, é necessário reconhecer que o curso de Especialização em Mídias na Educação me proporcionou novas possibilidades de pensar e exercer a vida docente. O curso me colocou em contato com teorizações e novos olhares a respeito das potencialidades das mídias e tecnologias, oferecendo uma perspectiva que não estava ao meu alcance até então. Apesar de trabalhar com recursos midiáticos há muito tempo em sala de aula, esses recursos eram utilizados a partir de uma visão meramente instrumental. Não havia a percepção sobre como esses recursos são significativos e podem ser inseridos como parte dos processos de ensino aprendizagem, como ferramentas potentes que podem ser exploradas das maneiras mais simples e efetivas no dia a dia da prática docente.

A utilização dos vídeos como uma ponte entre o aluno e o seu próprio aprender também foi algo novo e, nesse sentido, acredito que foi possível perceber que também é possível aprender ao ser ver, se ouvir, se sentir e se reconhecer. Ao longo do trabalho fui experimentando e tentando empreender movimentos a partir das evidências empíricas que emergiam da prática. Nesse sentido, a pesquisa foi sendo moldada e transformada a cada novo desafio que aparecia nas atividades da aula e com a participação e envolvimento dos alunos.

A partir dessa experiência, ficou evidente, no grupo pesquisado, que a prática empreendida colaborou para o movimento de avanço nas aprendizagens dos alunos. É possível pensar isso a partir da evidência de que o trabalho envolveu diretamente questões como a observação, a curiosidade, a atenção, a identificação e reconhecimento das crianças com a imagem refletida na tela. Ao reproduzir os vídeos para a turma, foi interessante observar que houve uma admiração de alguns por estarem se vendo fora de si mesmos e em outro lugar, o lugar de espectadores deles mesmos.

Ao reverem suas posturas, seus movimentos, suas falas e modos de se comunicar, as crianças também retomaram conceitos apreendidos nas aulas. A percepção é de que, no movimento de repetição e reforço proporcionado pelo ato de reverem as atividades gravadas e seus desempenhos nelas, existe também certa ressignificação de alguns conceitos trabalhados.

Por todos os argumentos elencados até aqui, há condições de afirmar que é possível e viável incorporar o uso do smartphone como recurso midiático nas atividades diárias ou rotineiras de uma turma, desde que se tenham objetivos claros e precisos que focalizem a temática a ser desenvolvida. Como vantagem dessa prática pode mencionar a praticidade, a autonomia, a versatilidade e a economia na utilização desse recurso, muito embora a minha escola não tenha disponibilizado o acesso à internet e eu tenha utilizado o meu pacote de dados particular.

A pesquisa me mostrou que não há barreiras para inventar formas alternativas e criativas de se trabalhar com os recursos midiáticos, independentemente do público-alvo. Inicialmente pensei que poderia ser uma barreira a faixa etária dos meus alunos, que tem entre seis e sete anos de idade, uma vez que ainda estão em níveis bastante concretos da aprendizagem e dependem intensamente da professora para darem significado ao seu aprender. Contudo, essa impressão inicial não se comprovou na prática, pois os vídeos transcenderam esse aspecto da dependência ao evidenciarem que a aprendizagem pareceu fluir de maneira mais prazerosa quando os alunos se assistiram como protagonistas do seu conhecimento, sem aquelas “amarras didáticas” que às vezes encontramos no dia a dia nos anos iniciais. Ou seja: para além do livro, do quadro, do giz, há outras possibilidades e tecnologias que podem ser pensadas e praticadas no processo de alfabetização e que passam, também, pelas mídias e suas potencialidades.

No que diz respeito à receptividade dos alunos em relação ao projeto, ficou evidente que desde o início eles aprovaram e gostaram da ideia das gravações no celular da professora – especialmente porque depois podiam rever a si mesmos, os colegas e as atividades que eram propostas. Logo no início, na primeira gravação realizada, os alunos me perguntaram se seus pais poderiam ter acesso ao vídeo e se eu poderia compartilhar o conteúdo através do *Facebook*. Respondi a eles que iríamos estudar, juntamente com a escola, um projeto de publicação e divulgação dos vídeos para que os pais de todos os alunos participantes pudessem ter acesso a todo o conteúdo audiovisual produzido nas atividades dentro da escola e em eventuais projetos e passeios realizados pela escola fora do ambiente escolar.

Por fim, pretendo continuar adotando essa prática em outros momentos do meu dia a dia como alfabetizadora, buscando aprimorar o projeto.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B.C; MORAIS, A, G. **As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras?** Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 38 maio/ago. 2007.
- ALMEIDA, M, J. A educação visual na televisão vista como educação cultural, política e estética. **Revista Online Biblioteca Prof José Martins**, Campinas, SP, v.1, n.4, out 2000. Acessado em 16/10/2018.disponível em:<http://.fae.unicamp.br/revista/index.php.etc/article/view/1858>
- BAQUERO, R. **Vygotsky e a Aprendizagem Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF 1997.v.2.
- BELLONI, M. L. **O que é Mídia - Educação**. Campinas (SP): Ed. Autores Associados, 2005.
- BENTO, M. C. M.; CAVALCANTE, R. S. Tecnologias móveis em educação: o uso do celular na sala de aula. **ECCOM**, v. 4, n. 7, jan./jun. 2013,
- CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.
- CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, Vol. I, A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2013.
- _____, Manuel. **Sociedade em Rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. 6ª.ed.São Paulo: Paz e Terra,1999.
- COUTO, E. S. A infância e o brincar na cultura digital. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 897-916, set./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n3p897> Acesso em: 31 maio. 2017.
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GUARALDI, M.P Ensino e aprendizagens mediadas pelas TIC: Possibilidades e impasses nos anos iniciais do ensino fundamental. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://lume.ufrgs.br/>;
- JUNKES,I; MACCAIN,T; CROKETT,L. **Understanding the digital generation: teaching and learning in the digital landscape**. London: Corwin, 2010.In *Presença Pedagógica*, V.9, n 111, mai/jun.2013.
- GOMES, S Brincar em Tempos Digitais. In: **Revista Presença Pedagógica – Diálogo entre Universidade e Educação Básica para Formação do Professor**. Seção Presença Infantil. Belo Horizonte, n. 113, p. 44-51. set./out. 2013. GOMES, Suzana dos Santos. Infância e Tecnologias. In: COSCARELLI, Carla Via

KLEIMAN, A.B. **Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar.** Rev. Perspectiva, Florianópolis. v. 28, n.2, p.375-400, jul/dez 2010.

_____. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** CEFIEL/MEC, 2005.

LEITE, S. A. da S; COLELLO, S.M.G. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Summus, 2010.

MACHADO, A. **A arte do vídeo.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MOLLICA, M.C. **Fala, letramento e inclusão social.** São Paulo: Contexto, 2007.

MORÃO, B. F. S. **Dinâmica Soioespacial do Bairro Restinga- cidade de Porto Alegre.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduação em Geografia. Instituto Geociências. 2016.

MORAN, J. M. **Desafios da televisão e do vídeo à escola.** Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm>. Acesso em: 28/08/2018.

_____, J. M. MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 7. ed. Campinas: Papirus, 2003.

NONATO, E. R. S. **Novas tecnologias, educação e contemporaneidade. Práxis Educativa.** Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 77-86, jan.-jun 2006.

OLIVEIRA, E. G.; VILLARDI, R. **Tecnologia na educação—uma perspectiva sociointeracionista.** Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

PINTO, S. C.C.S.et.al. **Redes Sociais: impactos, desafios e perspectivas no cenário educacional.** In: SCHNEIDER, H.N.; LACKS, S. (org). **Educação no Século XXI: desafios e perspectivas.** São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

PRATA, 2002, P.77 **Integração de Mídias na educação.** http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/gestao/ges_basico/etapa_1/p8.html

SCHNEIDER, H.N. **A educação na contemporaneidade: flexibilidade, comunicação e colaboração.** In: Int.J. Know. Eng. Manage, Florianópolis, v.2, n.2, p.86-104, mar/maio, 2013.

TORNAGHI, A. **O que é cultura digital?** In: BRASIL. Ministério da Educação. **Cultura Digital e Escola.** Brasília: MEC/SEED. Ano 20, boletim 10, p.13-21. 2010. Documento disponível em: portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015230.pdf. Acesso em 10.out.2012. Material composto para a série Cultura Digital e Escola, exibida pelo programa Salto para o Futuro.

SANTOS, C. R. G. dos. **Alfabetização com Histórias Infantis e Mídias.** Disponível em: <https://scholar.google.com.br/> Acesso em 27/09/2018.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto,2010.

SOUZA, I. M. A de; SOUZA, L. V. A de. **Uso da tecnologia como facilitadora da aprendizagem do aluno na escola**. GEPIADDE, Ano 4, v.8, p.127-142, jul-dez de 2010.

TRIPP, D. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

VYGOTSLY, L.S. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícon: EUSP,1998.

VIVIAN, C. D.; P, E. L. O uso do celular como recurso pedagógico na construção de um documentário intitulado: Fala sério! Revista digital da CVA-Ricesu, v. 7, n. 27, fev. 2012, p. 3.

APÊNDICE

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) **CARLA SILVEIRA DURO**, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação – Pós-Graduação *lato sensu*** promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) **LIEGE FREITAS BARBOSA**, realizará a investigação **O USO DE MÍDIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**, junto a **PAIS, ALUNOS E EQUIPE DIRETIVA** no período de 03/09/18 até 30/11/18. O objetivo desta pesquisa é **analisar as potencialidades da produção audiovisual no celular como estratégia pedagógica de alfabetização.**

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados (as) a tomar parte da realização de **PESQUISA DE CAMPO**.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o (a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O (A) pesquisador (a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone **(51)33083070**.

.....

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o nº de R.G. _____, concordo em participar desta pesquisa.

Assinatura do (a) participante. _____

Assinatura do (a) pesquisador(a) _____

Porto Alegre, ____ de _____ de 2018.

ANEXOS

Figura 1 - Aluno em atividade sobre as vogais.



Fonte: Duro (2018).

Figura 2 - Aluna em atividade sobre a construção do nome próprio.



Fonte: Duro (2018).

Figura 3- Alunos em atividade sobre a construção de novas palavras com vogais.



Fonte: Duro (2018).

Figura 4 - Atividade sobre Folclore



Fonte: Duro (2018).

Figura 5- Atividade de Hora do Conto sobre os personagens do Folclore.



Fonte: Duro (2018).